

## Descriptivo “Boa Vista Cultural”

Roteiro: Santa Mónica, deserto Viana, Rabil (Escola Olaria, Cabo Santa Maria, Igreja de Nossa Sra. Fátima, almoço (Misto de Peixe), visita principais pontos de Sal Rei., Praia de Chaves (chaminé)

, Dia inteiro/ *Full Day* (09h00m-16h00m)

## Descrição integral do itinerário

Partida do Hotel ás 9h00m com destino em direcção à Praia de Santa Mónica. À saída da localidade, já se avista este pequeno paraíso. A cerca de dois quilómetros de Povoação Velha, percorrendo um caminho de terra batida, entre acáias e dragoeiros chega-se até um dos locais mais belos do planeta- a Praia de Santa Mónica, um areal de areia fina e dourada com exactamente dezoito quilómetros de extensão banhado pelas águas mornas do atlântico de cor esmeralda, originalmente conhecida como Porto Português.

A Praia de Santa Mónica é um dos ex-líbris naturais da Boa Vista, completamente selvagem, sem marca de mão humana que assim resiste virgem desde que foi descoberta em 1460 da nossa era. O grupo efectua uma paragem de 50 minutos na praia, com tempo para contemplar o paraíso e deixar-se deliciar pelas águas de Santa Mónica.

O Deserto de Viana é outro dos tesouros da Boa Vista e por isso é-lhe reservada uma paragem de 20 minutos. O deserto tem 5 km de extensão, e é formado por dunas alterosas que flutuam consoante os ventos. A areia que ali se acumula resulta na verdade da sedimentação marinha e transporta o visitante para uma outra dimensão. Estamos perante uma espécie de Sahara em miniatura de onde se avista toda a ZDTI (Zona de Desenvolvimento Turístico de Chaves), Rabil e Estância de Baixo.

Depois chegamos a Rabil, a segunda localidade mais povoada da Boa Vista, vizinha do Aeroporto Internacional Aristides Pereira onde é obrigatória uma paragem na Escola de Olaria. O centro de produção de artesanato local reaberto em 2007 regista um forte dinamismo e permite apreciar o trabalho dos artesãos que se dedicam à feitura de peças decorativas com barro proveniente da zona de argila do Barreiro. Depois da visita à Escola de Olaria o passeio continua atravessando o centro do povoado, sobranceiro à ribeira do mesmo nome, onde foi implantada a Igreja matriz de S. Roque, construída em 1806 e mais tarde proposta para Sé Catedral na fase mais florescente da ilha no século XIX.

Seguimos depois para Norte com destino à praia do Cabo de Santa Maria, ou Praia da Atalanta- mais uma das inúmeras línguas de areia selvagem onde sobressai um navio em destroços- o vapor do Cabo de Santa Maria que ali naufragou em 1968, vindo de Espanha com destino ao Brasil, carregado de carros, bebidas, melões, cortiça e azeite. Aqui o visitante é convidado a conhecer um pouco da história que marcou a vida de capitães e marinheiros, assim como o trabalho ali desenvolvido pela Fundação Tartaruga que todos os anos , no período da desova instala acampamentos na praia para assegurar a proteção das tartarugas marinhas. De novo a caminho e atravessando a orla marítima selvagem o próximo destino leva-nos até à Baía de Fátima. É entre a “Rotchinha e a Rotchona” que encontramos o núcleo cultural da familia Benoliel de Carvalho: a antiga residência, as Ruínas da Capela de Fátima e a acolhedora Praia David. Esta é uma das zonas culturais mais interessantes da Boa Vista e revela um sinal de tolerância religiosa do passado. Foi neste local que viveu o casal Maria Isabel de Carvalho, católica e natural de Rabil e o seu esposo David Benoliel, judeu e descendente de uma família vinda de Marrocos por volta de 1850. David Benoliel, filho de Abraão, tornou-se o grande senhor local em especial com o domínio das indústrias do carvão e comércio da cal, construindo uma grande casa em Sal Rei, bem como uma segunda residência junto à Capela de Fátima- um presente para a sua devota esposa. Já em Sal Rei, atravessando de novo a Rotchinha, junto à praia de Cruz e à porta do Hotel Marine Club, encontramos o Cemitério Judeu, mais um forte testemunho da familia Benoliel, que foi recentemente alvo de uma profunda intervenção de reabilitação, fruto de um protocolo assinado entre a autarquia local e o Projeto da Herança Judaica em Cabo Verde. Votado ao abandono anos a fio, o cemitério é uma das mais fortes presenças da comunidade judaica em Cabo Verde. A caminho do coração de Sal Rei e ainda na praia Cabral é possível apreciar o novo conjunto de apartamentos e condomínios de luxo alinhados ao longo da praia, além da Praia de Cruz, palco anual de um festival de ritmos crioulos- o Festival da Praia de Cruz que assinalou em 2013 a vigésima terceira edição.

13h- Hora de provar mais uma delícia gastronómica da terra no hotel Tambrera para provar um misto de peixe fresco.

De tarde a visita prossegue pelos principais pontos de interesse de Sal Rei, entre os quais, o antigo Porto Pesqueiro conhecido por “Té Manché” de onde se avista em frente o Ilhéu de Sal Rei com o seu Forte do Duque de Bragança construído em 1818. No Té Manché destaque ainda para a Praia Diante, a praia dos boavistenses, onde se realiza o Festival de Mornas no último fim de semana de Setembro), a ex-afândega transformada agora em Casa da Cultura e a antiga Fábrica de Conservas e Embalagem de Atum Ultra construída em 1934, primeiro para a pesca do atum e depois para a embalagem e conserva, a qual conheceu o apogeu nos anos 50 do século passado e que chegou a dar emprego a mais de 150 pessoas. O passeio continua a pé até ao Largo de Santa Isabel onde sobressai a Biblioteca Municipal e a

Escola de Música (projectos construídos graças à geminação entre a edilidade boavistense e a Câmara Portuguesa de Seixal), os Paços do Concelho, a Igreja de Santa Isabel, além de bares e comércios em redor que atestam a mistura cultural que caracteriza a capital do município, onde convivem em harmonia diferentes culturas-europeus de todos os cantos, imigrantes da costa africana e cabo verdianos de todas as ilhas do país que migraram para a Boa Vista em busca de emprego nos hotéis e na construção civil.

O roteiro “Boa Vista Cultural” segue por fim até à imponente praia de Chaves, onde se localizam os principais empreendimentos hoteleiros para uma visita à Chaminé de Chaves, onde é possível ver parte de uma chaminé, de tijolo ocre que chega a confundir-se com um farol, também propriedade dos Benoliel. A fábrica funcionou no iniciou deste século, dedicando-se à produção de tijolos e telhas, uma estrutura industrial ao nível da tecnologia europeia de então e produzia essencialmente para a exportação aos países da África Ocidental, fechando as portas por volta de 1928, por razões ainda desconhecidas.

**Retorno ao hotel cuja chegada está prevista para as 16h00m.**